

“REINADO DE TERROR”: O FASCISMO JAPONÊS EM TERRAS BRASILEIRAS – O CASO SHINDO RENMEI

Por Carlos Leonardo Bahiense da Silva[i]

“por que me queimam estes raios da razão?” (Yukio Mishima, Ícaro).

I

Foi Junji Kikawa, ex-coronel do exército japonês, o fundador da Shindo Renmei[ii] (A Liga do Caminho dos Súditos). Kikawa criou-a, em 1942, em Marília, interior de São Paulo. Tratava-se de uma estratégia de resistência em face ao nacionalismo autoritário estabelecido por Getúlio Vargas a partir da Campanha da Nacionalização. Iniciada no biênio 1938-1939, essa campanha apresentou os seguintes objetivos: definir a língua portuguesa como a única permitida nas cerimônias públicas; eliminar as escolas estrangeiras; proibir a circulação de jornais estrangeiros; combater os “quistos étnicos” (imigrantes e/ou descendentes que se recusavam a integrar a sociedade brasileira, assumindo seus valores). A ideia fundamental do ex-coronel era recriar os códigos e signos culturais do Japão no Brasil (culto ao imperador, valorização do xintoísmo etc.).

A Shindo Renmei funcionou clandestinamente até o assassinato de Ikuta Mizobe, em março de 1946. Magro, bigode curto, óculos, Mizobe era presidente da Cooperativa Agrícola de Bastos (CAB). Ele foi um dos responsáveis pela campanha de esclarecimento na comunidade japonesa e nikkei do interior de São Paulo. Reuniu os empregados da CAB e disse que, lamentavelmente, o Japão fora derrotado pelas forças aliadas. A guerra tinha chegado ao fim. Os vitoristas (kachigumi) da Shindo rechaçaram tal asserção, vendo-a como propaganda norte-americana. Japoneses, como Mizobe, que reconheciam, em público, a derrota nipônica foram chamados de derrotistas (makegumi) pelos integrantes da associação patriótica.

A Shindo Renmei detinha cerca de 500 mil sócios espalhados por Minas Gerais, São Paulo e Paraná. Apresentava um braço armado composto pelos Batalhões dos Ventos Divinos (Tokkotai). Seus membros produziam fotos adulteradas e notícias falsas acerca da “vitória” do Japão na Guerra do Pacífico. Afirmavam, por exemplo, que o governo nipônico enviaria embarcações para o porto de Santos com objetivo de repatriar

os súditos do Sol Nascente e seus parentes. Naquele contexto radicalizado, com informações desencontradas e muita ansiedade, as mortes não tardaram a ocorrer. A primeira vítima fatal foi o presidente da CAB.

O assassinato de Mizobe começou a se desenhar no início da noite de 7 de março de 1946. Tadao Shiraishi, dirigente da Shindo Renmei de Tupã, encontrou-se, em Cascata, com Satoru Yamamoto, que atuava como um espião da Shindo na CAB. Após simular uma dor de cabeça, e livrar-se das pessoas que estavam com ele, Yamamoto subiu na garupa do cavalo branco de Shiraishi, e partiu em direção a casa de Mizobe, no centro de Bastos. Segundo o depoimento do assassino, colhido na delegacia local, os eventos, daí em diante, sucederam-se da seguinte forma:

De acordo com nossos planos, Shiraishi pôs-se a cavalgar sozinho, num espaço de dois ou três quarteirões distantes da residência de Mizobe, para chamar a atenção das pessoas que se encontravam a essa hora pelas ruas. Enquanto isto, investiguei a casa de Mizobe e verifiquei que o portão do quintal, nos fundos, estava aberto. Encontrei-me novamente com Shiraishi atrás do Hospital, dentro do bambual. Shiraishi desceu do cavalo e, enquanto vigiava as vizinhanças, eu penetrei na casa de Mizobe, esgueirando-me pelo portão de trás. Fiquei num espaço entre um ranchinho e um muro de tijolos. Mizobe estava com visita e fui obrigado a esperar quase três horas. Durante a espera urinei três vezes. A princípio, o cachorro da casa latiu muito, mas logo depois, talvez cansado de latir, sossegou. Saí uma vez de meu esconderijo e avisei a Shiraishi que Mizobe tinha visita e que esta parecia não querer se retirar. Disse-lhe, então, para adiarmos o plano, mas ele não concordou. Voltei, por isso, para o esconderijo. Quando ia me levantar, em dado momento, pois me achava agachado, ouvi a voz de alguém: era da visita que se despedia – e senti-me satisfeito. Depois que o visitante saiu, fecharam-se todas as janelas e apagou-se a luz da entrada da cozinha. Tive, aí, um momento de hesitação: ou desistir ou atirar através da janela do dormitório que era de vidro; nisso divisei um vulto que saía pela porta da cozinha. Olhei-o bem, mas não pude distinguir quem era. A pessoa, que vestia quimono, fechou o portão do quintal e entrou na privada que ali havia. Ainda não podia distinguir se era homem ou mulher. Seria vergonhoso atirar na Sra. Mizobe. Aproximei-me para bem perto, quase a um metro e meio da privada para se, ouvisse sua tosse, distingui-la. Mas, nada. Nesse momento, ouvi uma voz, que parecia ser de uma moça que gritou: ‘papai, está na privada ?!’ - ao que responderam de dentro da privada: ‘sim, estou’. Fiquei satisfeito quando soube que, de fato, era Mizobe quem estava dentro da privada. Espiei, então, pela fechadura, quando Mizobe ficou de pé, e calculei a sua altura. Pensei que acertaria no coração se apontasse 45 centímetros abaixo do pescoço. Quando viera de Cascata, tinha recebido das mãos de Shiraishi uma ‘Mauser’ que experimentara no meio do mato e verificara na arma o hábito de desviar um palmo para cima do alvo, na distância de 15 metros. Tinha confiança em minha apontaria, porque quando era motorista exercitava-me muitas vezes. Portanto, se apontasse 30 centímetros abaixo do pescoço, acertaria o coração. Mas como a arma tinha o hábito de desviar para cima, calculei a mira 54 centímetros abaixo do pescoço. Assim, quando pude divisar Mizobe, dei o primeiro tiro, levando a arma de baixo para cima. Acertei. Mizobe cambaleou como que arranhando o peito. Preparava-me para dar outros tiros, de trás do tanque de lavar roupa, caso Mizobe levantasse a voz. Mizobe, porém, caiu logo adiante, sem dizer uma palavra, como se estivesse nadando no ar. Neste

momento, sua filha saiu da casa correndo, e sua esposa veio para o quintal, agachando-se sobre o corpo estendido do marido. Colado ao muro, corri para a frente da casa e pulei o portão que vai ter à garagem, caindo dentro de um buraco feito pela chuva. Quando me levantava, ouvi o guarda-noturno do Instituto de Sementagem apitar e percebi que apontava contra mim o seu revólver. Enfrentei-o também, ouvindo um barulho de alguém que vinha correndo rua acima, não podendo saber quem era, pois achava-me a uns 15 metros de distância do guarda. Ao apontar minha arma contra o guarda, este correu para detrás da cerca e apitou novamente. Enquanto isso, corri em direção a leste ... me aproximei de Shiraishi que estava atrás do Hospital, fazendo-lhe sinal de bom êxito. Shiraishi, montado a cavalo, desapareceu na estrada ... Passando, então, ao lado da quadra de tênis e através das amoreiras, cheguei à minha casa em Cascata... Durante três noites não consegui dormir...

O depoimento do assassino é rico em detalhes. Deixa transparecer toda a humanidade de Yamamoto. Um homem que fez suas escolhas, mas, ao mesmo tempo, apresentava incertezas, apreensões. Mostrou-se, por vezes, eufórico com a possibilidade de executar o derrotista, no entanto, também parecia temer a realização do ato criminoso, como um vampiro em face à cruz. É provável que Shiraishi tenha percebido o caráter pusilânime da personalidade de Yamamoto. A partir de então, o dirigente da Shindo Renmei passou a explorar suas fraquezas com o objetivo de convencê-lo a assassinar Mizobe. A tática, como foi visto, deu certo.

Acompanhando mais detidamente as conversas mantidas entre Shiraishi e Yamamoto, às vésperas do crime, pode-se ter uma ideia da “sociodinâmica da estigmatização”[iii] presente na configuração vitoritas-derrotistas. No discurso dos kachigumi, os derrotistas eram taxados de “fantoques dos judeus” e “traidores da pátria”. A primeira expressão descortinava o quão o antissemitismo (mobilizado por grupos de extrema-direita no Brasil e alhures, nas décadas de 1930 e 1940) integrava o vocabulário político da Shindo Renmei. A segunda explicitava como a associação japonesa era orientada por um nacionalismo radical, por meio do qual se determinava os defensores e os traidores da pátria. Para não dar margem a equívocos, toma-se emprestado aqui a definição de nacionalismo apregoada por Monserrat Guibernau. Segundo a autora, o conceito exprime o “sentimento de pertencer a uma comunidade cujos membros se identificam com um conjunto de símbolos, crenças, estilos de vida, e têm a vontade de decidir sobre seu destino político comum”[iv].

É imprescindível chamar a atenção para um ponto. A estigmatização, a violência verbal imposta pelos vitoristas aos derrotistas desaguou em violência física. No caso de Mizobe, seguida de morte. Não necessariamente em toda figuração estabelecidos-outsiders o processo estigmatizador leva os últimos a serem agredidos fisicamente ou, no limite, executados. Por que, então, na visão dos kachigumi o presidente da CAB precisava ser morto?

Para a maioria dos japoneses que vivia em terras brasileiras, na década de 1940, o Japão era uma nação divina e o imperador personificava tal divinização. De acordo com mitos vigorosamente inscritos na cultura nipônica, o Japão havia sido criado por dois irmãos, o deus Izanagi e a deusa Izanami[v]. Da “Ponte Flutuante do Céu”, Izanagi e Izanami jogaram uma lança feita de pedras preciosas em direção a um abismo. Dessa maneira descobriram o oceano. Ao revolverem suas águas com a lança, gotículas respingaram do objeto e produziram a ilha de Onogoro-Jima (“Ilha que Se Solidificou Espontaneamente”). Ato contínuo, as divindades desceram até ela. Chegando lá lhes arrebatou um desejo irrefreável de se unirem maritalmente. Cravaram um pilar no chão e deram uma volta em torno dele. Izanagi por um lado e Izanami por outro. Após cumprirem o percurso, Izanagi elogiou a beleza da deusa fêmea e se casaram.

Izanami deu à luz a mares, rios, montanhas, vegetações concluindo a criação do Japão. Contudo, as deidades ainda não estavam satisfeitas. Queriam produzir um ente que dominasse o universo. Essa vontade alimentou o nascimento de Amaterasu Omikami, a deusa do sol, que se destacava em virtude de sua beleza estonteante. Os registros antigos revelam que Omikami teve muitos descendentes. Seu tataraneto, conhecido como Jimmu Tenno, tornou-se o primeiro imperador do Japão.

Os japoneses em maior ou menor grau estavam familiarizados com tais lendas. A partir delas constituiu-se uma crença segundo a qual a nação nipônica era divina e os imperadores representantes dos deuses na Terra. Importa aqui reter que a crença divinatória distorcia a visão dos japoneses sobre a realidade. Aos seus olhos, o Japão havia surgido das gotas d’água projetadas pela lança de Izanagi e Izanami. Seu primeiro monarca era descendente de Amaterasu Omikami, a deusa do Sol, cujos poderes governavam todas as coisas. Influenciados por esses relatos fantásticos, os nipônicos eram conduzidos à seguinte inferência: o Japão era um país protegido pelas deidades, portanto, superior aos demais.

Tal maneira de pensar fazia com que a afirmação segundo a qual o Sol Nascente havia perdido a guerra carecesse de lógica. Para os japoneses era mais coerente, e menos doloroso, considerar essa assertiva uma mentira; ou melhor, uma inverdade construída pela propaganda norte-americana. O mito da “imbatibilidade milenar” do Japão contribuiu muito para que os nipônicos seguissem com uma visão de mundo equivocada – ou mais acertadamente, ilusória.

Na concepção de Nakadate[vi], o mito da imbatibilidade milenar japonesa remonta ao século XIII. Em 1281, o império mongol tentou dominar o Japão. A realização de tal missão ficou sob a responsabilidade de Kublai Khan, líder dos mongóis. Contudo, ao se aproximar do Sol Nascente, sua frota foi surpreendida por ventos violentíssimos que arrebataram os navios, sem que as embarcações tivessem sequer começado o ataque. Daí teria surgido o termo “kamikaze” (“vento divino”), em uma referência à proteção que os deuses dispensavam ao Japão. O mito teria sido corroborado ao longo dos tempos em função das vitórias obtidas pelo exército nipônico em vários confrontos: guerra sino-japonesa (1894-1895), guerra russo-japonesa (1905) e outros.

Voltando ao assassinato de Bastos. Quando Mizobe começou a asseverar junto aos funcionários da CAB que a Segunda Guerra Mundial tinha terminado com a derrota do Sol Nascente, os vitoristas passaram a vê-lo como um impatriota. Um japonês que desrespeitava a história sagrada do Japão e de seus monarcas. Em razão de sua atitude desonrosa, Mizobe contraiu uma dívida moral que só poderia ser paga com a morte. Mergulhado em um oceano de vergonha apenas o fim da vida outorgar-lhe-ia a redenção.

Mas isso não é tudo. Por trás do assassinato de Mizobe, e de outros que viriam a ocorrer, estava o temor da eliminação da fronteira étnica. Ele era um homem conhecido e respeitado na colônia nipônica, portanto, sua palavra tinha algum peso para seus compatriotas. Ao disseminar a derrota do Japão, o presidente da CAB despertou a ira dos vitoristas porque seu ato fragilizava a identidade étnica produzida por japoneses nacionalistas antes e durante a Segunda Grande Guerra; japoneses esses que evidentemente integraram o grupo kachigumi após o conflito. A atitude de Mizobe deslocava as imagens e noções formadoras do conteúdo identitário nipônico para um segundo plano. Tais imagens balizavam a vida da maioria dos japoneses no Brasil.

Nessas circunstâncias, a perda desse sistema de referências era inaceitável para eles. Na verdade, a tentativa do derrotista de aproximar os nipônicos do mundo real era encarada pelos vitoristas como uma “infecção anômica”, nas palavras de Elias e Scotson [vii].

II

Em abril de 1946, a revista Diretrizes mencionou um editorial do New York Times intitulado “Dragão Negro no Brasil”. De acordo com o editorial, a Shindo Renmei seria uma filial da clandestina Sociedade do Dragão Negro, responsável por inúmeras mortes no Japão. Segundo estudos da inteligência americana no pós-guerra, em 1941, havia entre 800 e 900 associações secretas no Sol Nascente[viii]. Apesar de variarem bastante em relevância, todas reconheciam o caráter divino do imperador.

Pautadas no hakko ichiu, entendiam que o monarca tinha o direito de controlar todos os povos do planeta. Essas associações usavam a veneração ao imperador como arma ideológica contra comportamentos morais e políticos considerados desviantes. A Sociedade do Dragão Negro era a mais poderosa delas; Toyama, seu líder, no período anterior a guerra, teve muita influência sobre os setores fascistizados do Japão. O editorial do New York Times asseverou que se devia

(...) olhar seriamente o aparecimento no Brasil da sociedade de terroristas japoneses que utiliza a mesma técnica, embora não tenha o mesmo nome, que a Sociedade do Dragão Negro do pré-guerra, que tentou governar o Japão por meio de assassinatos. Calcula-se que há no Brasil duzentos mil japoneses. Em sua maioria, estes vivem em São Paulo. O reinado de terror imposto pelo grupo é tão grande que já constitui uma grande ameaça à lei e à ordem no Brasil[ix].

A assertiva de que a Shindo Renmei seria uma espécie de tentáculo da Sociedade do Dragão Negro, atuando em terras brasileiras, deixou o DOPS[x] em estado de alerta. Nesse sentido, os policiais da instituição fizeram uma consulta aos representantes do exército dos Estados Unidos em Tóquio. O objetivo era saber se havia alguma conexão entre a Shindo Renmei e a Sociedade do Dragão Negro. A resposta veio pelas tintas de

Rolf Larson, possivelmente um integrante da embaixada norte-americana no Brasil.

Segundo Larson,

Informações recebidas agora dizem que as investigações feitas... por... militares norte-americanos no Japão, não conseguiram encontrar prova alguma da existência no Brasil ou outro país sul-americano de quaisquer filiais da ‘Sociedade do Dragão Negro’; ademais, não foi possível obter informação alguma que indicasse estar a Sociedade do Dragão Negro... de algum modo ligada à Shindo Renmei ou à qualquer outra sociedade, digo, organização pública ou secreta no Brasil[xi].

Em 12 fevereiro de 1946, portanto, antes do início dos assassinatos praticados pelos Batalhões dos Ventos Divinos, um relatório do DOPS[xii] foi enviado à Segunda Seção do Estado Maior do Exército. O autor anônimo do texto disse que as associações secretas difundiam na comunidade nipônica e nikkei “notícias falsas da vitória japonesa”. As sociedades clandestinas disseminavam informes segundo os quais as notícias referentes à derrota do Japão, veiculadas pelos jornais e rádios de todo o mundo, eram mentirosas (“muitas notícias de rádio, mesmo de Tóquio, teriam sido pagas pelos judeus”).

Assim, os patricios deviam continuar acreditando “cegamente na vitória do Japão”. O policial lembrou também que, “para chamar a atenção dos ignorantes”, os membros das associações espalhavam que, em setembro de 1945, “vasos de guerra” chegariam à Baía de Guanabara. No momento em que ele produzia o relatório, os vitoristas asseveravam que embarcações japonesas já se encontravam “a algumas milhas do Rio de Janeiro ou de Santos”. Essas embarcações levariam as famílias nipônicas de volta ao Sol Nascente, e seus tripulantes ajudar-lhes-iam financeiramente.

Dando forma a sua reflexão, o autor afirmou que os kachigumi incutiam nos compatriotas uma “ideologia fanática”. Que ideologia seria essa? O homem do DOPS explicou:

(...) todo móvel (...) [das] organizações [clandestinas nipônicas], desde a sua fundação até as suas atividades, funda-se numa ideologia política perigosíssima, senão ‘nazi- fascista’, condenada pelo mundo inteiro. Não querem reconhecer o fato consumado da derrota do Japão e vivem envoltas naquela ideologia, afastando todas as provas palpitantes da situação internacional. É o fanatismo monstruoso que se alastra na colônia japonesa. Assistir alheio a este lamentável fato (...) seria crime de traição à cara pátria brasileira!

(...) O desenrolar do fato afeta a ordem política nacional porque a ideologia política ‘nazi-fascista’, ou fanatismo japonês, é aquela contra a qual o Brasil se bateu com sacrifício de vida dos seus tantos filhos. É de ciência notória que, mesmo no Japão, o Comando Aliado não permite qualquer organização militar ou direitista... porque elas são contrárias à ordem política aliada. A existência de organizações da mesma natureza no coração do Brasil afeta, sem dúvida, a ordem política nacional. (...) [E] no mundo do pós-guerra não há lugar para (...) [o] fascismo ocidental ou oriental (Idem).

O policial entendia que as associações secretas japonesas estavam anteparadas ideologicamente no fascismo. Tratavam-se, portanto, de organizações de extrema-direita. Pelas palavras supracitadas, nota-se que o autor fazia a operação intelectual, a saber: fascismo = fanatismo. Na sua concepção, justamente por se aferrarem a um corpo de ideias fascistas/fanáticas, as associações recusavam-se a aceitar a derrota do Japão.

Ele rememorou que, durante a Segunda Guerra Mundial, o Brasil havia lutado contra o fascismo. Contudo, o nacionalismo do policial cobria seus olhos com uma venda negra. Não conseguia ver que Getúlio Vargas, entre 1937 e 1945, tornou-se um ditador inspirado pelas noções da extrema-direita (ainda que não seja correto considerar o Estado Novo um regime fascista). O homem do DOPS compreendia que a presença de sociedades nipônicas em solo nacional representava uma ameaça ao status quo.

As considerações do autor suscitam a seguinte indagação: a Shindo Renmei deve ser considerada uma organização de extrema-direita? Antes de analisar tal pergunta é necessária uma discussão sobre a representatividade da díade direita/esquerda no mundo contemporâneo [xiii].

Após a derrubada do Muro de Berlim, em 1989, e mais ainda, o fim da União Soviética, em 1991, alegou-se que a polarização direita e esquerda havia se tornado obsoleta. A díade não governava mais o diálogo político. É difícil elencar a quantidade de seminários e debates que se propuseram a responder a pergunta que se segue: “o que é esquerda?”. Uma série fantástica de livros e artigos foram publicados em uma tentativa de elucidar os surpreendentes ventos da história. No entanto, surgiram igualmente uma gama de respostas digressivas, sendo a mais difundida e, concomitantemente, mais radical, aquela em que a esquerda emergia sepultada sob as ruínas do universo soviético.

Pelos bosques sagrados da academia (e também fora deles) afirmava-se que o período correspondia a uma espécie de definhamento das ideologias, alguns mais liberais, cavaleiros do apocalipse, anunciavam o fim da história. Se o motor da história funcionava através do conflito entre proletariado e burguesia, entre esquerda e direita, o colapso da União Soviética, principal representante da esquerda no cenário político internacional, simbolizava a vitória do capitalismo, o último capítulo da história. O poeta baiano Gilberto Gil, em forma de canção, manifestou seu descontentamento: “Não creio que o tempo/ Venha comprovar/ Nem negar que a história/ Possa se acabar/ Basta ver que um povo/ Derruba um czar/ Derruba de novo/ Quem pôs no lugar/ É como se o livro dos tempos pudesse/ Ser lido trás pra frente, frente pra trás/ Vem a história, escreve um capítulo/ Cujo título pode ser Nunca Mais/ Vem o tempo e elege outra história que escreve/ Outra parte, que se chama Nunca é Demais/ Nunca Mais, Nunca é Demais, Nunca Mais/ Nunca é Demais, e assim por diante, tanto faz/ Indiferente se o livro é lido/ De trás pra frente ou lido de frente pra trás...”.

Se os dois pólos da díade governavam-se reciprocamente, era legítimo asseverar que onde não havia uma esquerda não havia também uma direita e vice-versa. Dito de outro modo, só existia uma direita se houvesse como contratipo uma esquerda e só existia uma esquerda se houvesse como contratipo uma direita[xiv]. Tal inferência tornou-se um dos principais argumentos utilizados para desqualificar a polarização. Ora, era no mínimo ingênuo insistir na diferenciação da esfera política a partir de ideologias contrapostas se simplesmente não mais existiam ideologias. Porém, pode-se perguntar: uma definição razoável de esquerda e direita deve necessariamente prender-se apenas à expressão do conteúdo ideológico?

Na verdade, tais vertentes políticas indicam mais que ideologias. Expressam uma heterogeneidade histórica, complexa e de relevância bem maior. Esquerda e direita representam programas opostos de ação política que buscam, em última instância, minimizar os problemas existentes no interior de uma sociedade. A contraposição não se restringe, portanto, ao mundo das ideias; indicam culturas, valores e interesses antagônicos.

A crise dos países do Leste Europeu de forma nenhuma representou o sepulcro da esquerda. Por uma razão simples: não existia uma única esquerda. Havia várias esquerdas como existiam diversas direitas. Assistiu-se, na verdade, a morte de uma

esquerda precisamente definida ao longo da história: a esquerda comunista. No entanto, não existiu apenas uma esquerda comunista; existiram várias e, ainda hoje, há manifestações de esquerda que integram o sistema capitalista. Para mostrar a fragilidade de tal argumentação, basta recordar que a diáde é, inequivocamente, muito anterior ao confronto entre capitalismo e comunismo. Remonta ao período da Revolução Francesa.

Ao tratar-se de categorias tão íntimas da política, se aceita que todas as oscilações e mudanças que venham a ocorrer a cada uma delas estão subordinadas as circunstâncias, as acelerações e enfreadas do tempo. Nesse sentido, em determinados períodos, assiste-se à supremacia da esquerda sobre a direita ou o contrário. Mas tal supremacia de um dos pólos não exclui o outro. Embora a direita predomine sobre a esquerda, em tempos coevos, não é correto afirmar que a última esteja privada do debate político, ou que não continue forjando suas estratégias de ação a partir das experiências de sua vertente antagônica. A mesma lógica vale para a direita. Apesar de a direita ocupar uma posição favorável no cenário internacional não significa que ela tenha abdicado do diálogo com a esquerda – em situação fragorosamente mais delicada. É importante lembrar: quando o Nacional Socialismo, o Fascismo italiano, a Cruz em Seta húngara, a Guarda de Ferro romena e movimentos congêneres, foram varridos da Europa, a esquerda cresceu com tanta força que a direita parecia ter deixado de existir.

No entanto, ela estava somente eclipsada [xv].

Outros argumentos foram criados para desqualificar a velha diáde. Alegou-se que a obsolescência da contraposição entre direita e esquerda era tributária de sua incapacidade de responder a novas demandas políticas. Usava-se como exemplo a ecologia. Os movimentos que privilegiavam a temática ecológica como o cerne da discussão política deviam ser considerados de direita ou de esquerda? Alguns diziam que o enquadramento dos Verdes em um viés de esquerda ou de direita, ou ainda em nenhuma das vertentes, dependia de cada circunstância particular[xvi]. No limite, o movimento ecológico seria marcado por um elevado grau de ubiquidade, sendo um elemento oscilante entre os pólos adversários. Aí residia o problema segundo essa visão: o comportamento ubíquo seria responsável pelo caráter obsoleto da diáde, pois estando os Verdes em ambos os campos, não havia necessidade de dicotomizar o universo político. Será, entretanto, que existe uma homogeneidade de opiniões no tocante ao usufruto da natureza?

Obviamente que não. Há posturas distintas no concernente à relação homem/natureza. A irresponsável recusa das lideranças norte-americanas em assinar o Protocolo de Kyoto é um exemplo disso. É possível encontrar, filosoficamente falando, uma posição mais religiosa, em que a natureza é entendida como uma obra divina, portanto, não cabendo ao homem arbitrar, pelo menos de forma imponderável, sobre o seu destino. Também é comum a existência de uma visão mais pragmática, em que a natureza é concebida como um elemento destinado, principalmente, à satisfação das demandas humanas. Assim, longe de eliminar a polarização, a questão ecológica sanciona o caráter dicotômico da política, pois existem pontos de vista diferentes sobre o tema, uns mais moderados, outros mais radicais[xvii].

Até o momento explicitou-se a dificuldade, encontrada no tempo presente, para o estabelecimento da diferença entre direita e esquerda. A tarefa que se impõe, agora, é outra. Se ambas as categorias ainda integram a linguagem política, quais são os critérios de distinção? Noutras palavras, quais as razões para que direita e esquerda sejam consideradas linhagens políticas antagônicas? Apesar de todos os obstáculos existentes no tocante à conceptualização da díade, é possível demarcar uma diferenciação entre as vertentes.

O intelectual italiano Norberto Bobbio mergulhou no problema. Bobbio propôs um critério de distinção que resistisse às alterações do tempo. Segundo o autor, as interpretações que dignificavam a heterogeneidade dos pólos revelavam uma questão: a importância das noções de igualdade e desigualdade. Ele defendia um método analítico-conceitual para a diferenciação das vertentes, ou seja, um modelo interpretativo[xviii] calcado no estudo de termos abstratos como o ideal de igualdade, referencial básico para a delimitação das dessemelhanças entre esquerda e direita.

A questão está isenta de qualquer juízo de valor, isto é, pouco importa saber se existe uma maior ou menor preferência em relação à igualdade. O que deve estar claro é o caráter relativo de tal conceito. Nesse sentido, quando se afirma que a esquerda tem como carro-chefe a igualdade e a direita a desigualdade, não se propõe uma visão torpe de que ser de esquerda implica necessariamente difundir o seguinte lema: “os homens devem ser iguais em tudo”. Existe uma diferença proverbial entre uma concepção igualitária e uma igualitarista. Como mostra Bobbio: “uma coisa é a doutrina igualitária, ou um movimento nela inspirado, que tende a reduzir as desigualdades sociais e a tornar

menos penosa as desigualdades naturais; outra coisa é o igualitarismo, quando entendido como ‘igualdade de todos em tudo’” [xix].

Na verdade, o raciocínio do intelectual italiano está fundado na simples lógica de que os homens são tão iguais quanto desiguais. Por exemplo, todos os homens são suscetíveis às doenças, mas nem todos estão sujeitos às mesmas enfermidades e tampouco essas atuam da mesma forma em nosso organismo. Todos estabelecem em alguma medida a prática sexual, mas o mecanismo de liberação da pulsão libidinal e mesmo a contemplação do corpo varia de acordo com cada indivíduo. Enfim, empiricamente percebe-se que tanto a igualdade quanto a desigualdade integram o comportamento e as práticas humanas. Observando tais práticas com atenção, nota-se que uns indivíduos (igualitários) privilegiam aquilo que os homens têm de mais igual do que desigual; outros (inigualitários) exaltam aquilo que os homens têm de mais desigual do que igual.

Nessa perspectiva, se para um convívio social equilibrado os igualitários enfatizam os aspectos que unem os homens; como contrapartida, para o mesmo escopo, os inigualitários evidenciam os aspectos que os distinguem. Ampliando a reflexão, para os igualitários a maior parte das desigualdades que assola os homens é de cunho social, portanto, passível de eliminação; para os inigualitários, ao contrário, as desigualdades que reinam nas sociedades são de ordem natural, portanto, inelimináveis. Dito de outra forma, mesmo a esquerda considerando a existência de desigualdades naturais, na sua concepção, parcelas significativas das injustiças entre os homens são provenientes de um costume, de uma cultura, portanto, suscetíveis à mudança; ao contrário, a direita prefere acreditar que as desigualdades são revestidas de um caráter imutável, pois alicerçadas na natureza, na força da tradição, no passado.

À luz das reflexões de Norberto Bobbio, encontra-se uma análise capaz de outorgar a redenção à díade política tão criticada no tempo presente. Por mais que haja similitudes entre programas políticos de esquerda e direita, jamais uma manifestação de direita, seja moderada ou extremada, evocará o princípio da igualdade como elemento basilar de uma sociedade. A mesma lógica é igualmente aplicável às vertentes de esquerda. Nunca um movimento de esquerda reiterará a desigualdade como ícone de uma boa convivência social.

Após o reconhecimento da legitimidade da díade no universo político contemporâneo, investiga-se, agora, se a Shindo Renmei pode ser classificada como uma associação de extrema-direita.

Nakadate foi um dos primeiros autores a chamar a atenção para as características fascistas da Shindo Renmei. Todavia, o fez de maneira hesitante[xx]. Na introdução de seu trabalho afirmou: “a presente pesquisa objetiva analisar o movimento Shindo Renmei, de conotação nazifascista, que floresceu e explodiu no Estado de São Paulo, em 1946, como consequência da implantação do regime militar totalitário no Japão...” [xxi].

Muitas páginas a frente, Nakadate fez outra avaliação: “é verdade que existe nos dias de hoje, forte desconfiança de que a estrutura social da Shindo Renmei, redigida por um militar nipônico, tem forte reflexo nazifascista. Tal desconfiança teve sua origem desde quando o Japão se ligou à Itália e à Alemanha, formando os países do eixo (1939). Daí o surgimento da expressão nipo-nazi-fascismo”[xxii].

A segunda citação revela que o autor não identificava verdadeiramente a Shindo Renmei como um grupo de extrema-direita. Nakadate contentava-se com a afirmação segundo a qual havia uma forte desconfiança de que a associação japonesa tinha uma influência do fascismo. Além disso, ele entendia o fascismo em termos de totalitarismo, categoria que, do ponto de vista analítico, é pouco fértil. O totalitarismo, como estratégia política e ideológica, foi construído pelos setores oposicionistas italianos, de conotação liberal, na primeira metade do governo Mussolini[xxiii]. A oposição apropriou-se do discurso de líder fascista, negativizando-o (‘espírito ou materialmente não existiria qualquer atividade humana fora do Estado, neste sentido o fascismo é totalitário’).

Embora, em 1929, o Times da Inglaterra já usasse o conceito para comparar o fascismo italiano com o comunismo soviético, foi Hermann Rauschning quem difundiu a noção através de seus escritos[xxiv]. Rauschning era membro do NSDAP (Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães), sendo governador da antiga Dantzig, na Polônia. Após desentendimentos com o alto escalão do NSDAP, ele migrou para a Suíça e Estados Unidos, onde desenvolveu uma interpretação cuidadosa sobre o nazismo. Tudo indica que a partir dos textos de Rauschning (e de sua repercussão junto

aos setores intelectualizados dos Estados Unidos) a American Philosophical Society promoveu, em 1940, em seu primeiro congresso, uma discussão sobre o conceito de totalitarismo. Alguns anos depois, durante a Guerra Fria, a New Right americana utilizou a categoria para justificar o argumento de que o embate entre Estados Unidos e União Soviética era uma continuação da luta das democracias contra o fascismo.

Os autores que mobilizaram a categoria identificaram artificialmente semelhanças entre a União Soviética de Stalin e a Alemanha de Hitler (partido, Estado, forças armadas, ideologia). E ignoraram as diferenças. Puseram cães e gatos no mesmo saco apenas por terem quatro patas, rabo, focinho. Ou seja, igualaram experiências distintas como socialismo e fascismo; ausência de propriedade privada e capitalismo;

Holocausto e Arquipélago Gulag. Ademais, recusaram-se a tratar as massas populares como sujeitos históricos, uma vez que não levaram em conta suas ações e estratégias sociais. A multidão era vista como uma massa informe, manipulável, sem qualquer contribuição para a mudança dos rumos da história. Ao invés de considerarem os indivíduos como agentes responsáveis por suas escolhas, viam-nos como seres atomizados, desprovidos de consciência pela máquina totalitária (apesar de mobilizar o conceito de totalitarismo, Todorov[xxv] flexibilizou-o; ressaltou a capacidade dos homens de fazerem suas opções mesmo quando são vítimas de movimentos ou regimes autoritários).

O primeiro passo para a compreensão do fascismo é entendê-lo como fenômeno, capaz de ressurgir, transmutado, com plumagens cambiantes que despertem, aqui e ali, a excitação das massas. Nessa perspectiva, o fascismo não deve ser lido como uma experiência circunscrita à Itália de Mussolini e à Alemanha de Hitler. Dadas às condições, grupos de extrema-direita podem emergir em qualquer lugar e em qualquer época. O irrompimento de movimentos neofascistas, na década de 1980, na Europa e nos Estados Unidos, comprova isso.

Na verdade, existem três tipos[xxvi] de neofascistas: primeiro, aqueles que almejam alcançar o poder através da via parlamentar. É o caso de Vladimir Jirinowsky do PLD (Partido Liberal Democrático), na ex-União Soviética, e o de Jean-Marie Le Pen do Front National, na França, bem como Jörg Haider do Partido da Liberdade, na Áustria, que, graças ao seu excelente desempenho eleitoral, pôde formar, em 1999, um

governo de coalizão com conservadores. Tais políticos não se consideram evidentemente fascistas; tentam negar qualquer associação com o fascismo canônico. Mas, por vezes, a máscara cai. A fala de Le Pen é um bom exemplo: ‘as câmaras de gás são um detalhe na história da Segunda Guerra Mundial’. Eles seguem de forma indissimulável preconizando ideias de extrema-direita: nacionalismo exacerbado, antiliberalismo, antidemocratismo, não reconhecimento da alteridade etc..

Em segundo lugar, aqueles que atuam nas universidades e outros setores esclarecidos, defendendo a revisão da história. Insistem em dizer, pornograficamente – como qualifica Teixeira da Silva[xxvii] -, que o Holocausto e os campos de extermínio não existiram. O gás tóxico destes últimos (Zyklon-B) é transformado em um simples desinfetante. Os bombardeios contra alvos civis e japoneses são apresentados no contexto de uma tática “defensiva”. Tais pseudo-intelectuais aproveitam-se da liberdade de expressão constitutiva dos meios universitários para disseminarem suas teses.

E por último, as hordas extremistas que lançam mão da violência aberta e irrestrita. Seus integrantes são os skinheads ou skinnazis (movimento que emergiu originariamente em Londres, em meados da década de 1960, como uma reação aos hippies) que perseguem estrangeiros e homossexuais em importantes cidades europeias. Eles ainda preocupam-se em destruir monumentos construídos em memória das vítimas do Holocausto.

Após essa breve digressão, elenca-se aqui alguns traços fascistas característicos da Shindo Renmei:

- Culto ao líder – os membros da Shindo cultuavam o imperador, valorizando-o como símbolo nacional. Na época da guerra, a veneração ao monarca tornou-se mais intensa. Isso ocorreu por ocasião da propaganda organizada pelos setores fascistizados do regime japonês, especialmente os militares. Comandantes nipônicos davam aos soldados cigarros ‘oferecidos pelo imperador’; no aniversário de Hiroito, aos gritos de “Banzai!”, eles incitavam a soldadesca a se curvar três vezes em direção ao Oriente; mesmo sob ataques incessantes, os soldados eram impelidos a cantar as palavras do monarca presentes no Édito aos Soldados e Marinheiros. No Brasil, os imigrantes nipônicos também foram influenciados pela propaganda militar do governo japonês. Alguns possuíam rádios clandestinamente através dos quais eram massificados por tal

propaganda. Porém, a louvação ao imperador não se restringia à ação dos meios propagandísticos do Japão fascista. Com os primeiros sinais de fragilização dos exércitos de Hiroito na Segunda Guerra Mundial, os imigrantes japoneses apegaram-se ainda mais à religião xintoísta. Através do xintoísmo, inconscientemente, eles transformaram o imperador em um pai protetor, obtendo, por meio desse mecanismo ilusório, um conforto psíquico. O mesmo fenômeno ocorreu com os súditos de Hiroito que viviam no Sol Nascente. A consequência mais perversa de tal fenômeno seria, na avaliação de Franz Neumann[xxviii], a emergência de uma regressão dupla, a saber: primeiro, psicológica, uma vez que a identificação afetiva – dotada de libido - entre líder e liderados aniquila o eu dos indivíduos, fazendo-os viver em função do outro, da liderança carismática; segundo, histórica, uma vez que a história do homem traduz-se na sua busca por uma autodeterminação – “individualização progressiva” – em face à coletividade original.

- Negação da alteridade – um dos estratagemas mais importantes adotados pelos movimentos de extrema-direita (embora não exclusivamente por eles) é a criação de um inimigo. Peter Gay explicitou que tal artifício devia ser lido como uma manobra psicológica de projeção[xxix]. As pessoas forjam um diferente, um dessemelhante, por não tolerarem a dor decorrente de suas frustrações individuais ou coletivas. Então, para alimentar o ódio recalcado e aliviar suas tensões internas, fabricam um outro conveniente. A história dá inúmeros exemplos disso. Ao fazerem um inimigo, entretanto, elas reduzem o outro a uma estatura subumana. Nesse sentido, os kachigumi ao violentarem verbal e fisicamente os makegumi negavam sua humanidade, vislumbrando-os primariamente como nipônicos que não acreditavam na vitória do Japão, e não como seres humanos com um olhar distinto sobre o desfecho da guerra – olhar esse, registre-se, correto. Baseados em uma perspectiva desumanizadora, os vitoristas associaram os derrotistas a vários termos estigmatizantes: traidores da pátria, judeus, bandidos etc.. Para Adorno[xxx] o não-reconhecimento da alteridade está intimamente ligado à educação autoritária. O processo educacional que privilegia a virilidade, a macheza, a ocultação do medo e da dor, move-se por uma lógica masoquista extremamente perigosa. Em condições nas quais os homens são obrigados a recalcar o sofrimento, o masoquismo pode metamorfosear-se, com facilidade, em sadismo - “Aquele que é duro contra si mesmo adquire o direito de sê-lo contra os demais e se vinga da dor que não teve a liberdade de demonstrar...”. O resultado de uma

educação pela dureza é o surgimento de pessoas marcadas por uma “consciência coisificada”, em outras palavras, indivíduos que negam suas sensibilidades, vendo-se como coisas e estendendo essa visão aos outros. Tais indivíduos tornam-se incapazes de amar. O leitor atento deve estar convencido de que os vitoristas da Shindo Renmei transformaram-se em homens com o consciente coisificado - não monstros, nem feras (afinal, revelavam certa dose de emoção), mas seres humanos que não se permitiam amar plenamente.

Defesa da originalidade histórica e nacional – outro elemento definidor dos grupos fascistas é a glorificação das origens históricas e nacionais. Tais hordas elaboram um corpo de ideias, alicerçando-as em um céu e um solo comum[xxxi]. Na realidade, os movimentos de extrema-direita são caracterizados por um tipo peculiar de “historicismo”. Esse conceito deve ser compreendido como a recuperação das raízes nacionais ou raciais, através da qual os grupamentos fascistas encontram explicação para a sua singularidade. Nessa perspectiva, os nazistas valorizavam o espírito alemão (geist), vendo-o como a viga-mestra da comunidade nacional. Os militares japoneses faziam o mesmo em relação ao yamatodamashii. O nacionalismo de extrema-direita pauta-se largamente na tese da originalidade histórica. Os fascistas negam as trocas culturais e ideológicas em favor de um apego irracional ao passado. Mussolini ressaltava o glorioso tempo do Império Romano (o próprio termo fascismo, cunhado pelo Duce, provém da palavra fascio, símbolo do Império, representado por um conjunto de feixes paralelos e um machado). Hitler também buscava inspiração nos impérios germânicos. Nesse contexto, a história era deturpada vergonhosamente, servindo de esteio para a formação da identidade grupal - “A malversação da história e não a história, é um traço comum dos fascismos”. Os integrantes da extrema-direita preconizam uma definição essencialista da identidade, ou seja, defendem características autênticas e cristalinas, partilhadas por todos do grupo, que não se modificam ao longo do tempo. Tais características estão baseadas em uma essência biológica (“pureza de sangue”) ou cultural. Os documentos da Shindo Renmei mostram claramente que seus membros recuperavam a história do Japão de maneira essencialista.

Alguns traços significativos do fascismo não eram explicitados pelo discurso dos kachigumi. Os vitoristas não criticavam abertamente o liberalismo político. Porém, desprezavam seus substratos: a liberdade individual, de expressão, de imprensa etc.. O

mesmo ocorria com o comunismo. Não havia um anticomunismo militante entre eles. No entanto, rechaçavam a ideologia de Marx e Engels. Os kachigumi deixaram transparecer certa repulsa ao comunismo no momento em que Ademar de Barros, líder do PSP (Partido Social Progressista), tentou mobilizar os sócios e simpatizantes da Shindo Renmei, em 1946, em favor de sua campanha ao governo do estado de São Paulo[xxxii]. Exercendo um populismo atroz (conhecido pela historiografia como ademarismo), o candidato comprometia-se, assim que fosse eleito, a libertar os japoneses e nikkeis que foram enviados à prisão da Ilha Anchieta.

Contudo, havia um problema: a Shindo Renmei recusava-se a apoiar um político que consentia em receber os votos do Partido Comunista. Apesar de Barros e outros pessepistas argumentarem que se tratava apenas de um acordo eleitoral – e que os comunistas não teriam espaço no governo (o que efetivamente acabou acontecendo) –, os kachigumi continuavam insatisfeitos. Coube a Tsuguo Kishimoto, japonês naturalizado brasileiro, realizar a aproximação entre os membros da Shindo e Ademar de Barros. Kishimoto era um homem misterioso. Ao mesmo tempo em que mantinha relações com a associação japonesa, atuava como “ganso”, leia-se, informante da polícia. A empreitada de Kishimoto deu resultado, como desfraldava um manuscrito apreendido pelas autoridades policiais, datado de 8 de janeiro de 1947.

Comissão Pró-Movimento em São Paulo – Saudações. Dirigimo-nos apressadamente a VV.SS. para informar que, como já lhes foi comunicado por intermédio de nossos elementos de ligação, nosso movimento pró-Ademar de Barros, do Partido Social Progressista, nada mais é do que o apoio que nós japoneses, pais de nipo-brasileiros, devemos dar a esse candidato e seu partido que têm grande compreensão a respeito da colônia japonesa, especialmente sobre a Shindo Renmei, além de apoiarem o movimento de nossa Renmei. Ultimamente, porém, por ter o sr. Ademar de Barros aceito os votos do Partido Comunista Brasileiro é ele acusado de ser comunista, o que nos proibiria de apoiá-lo. Se isso fosse verídico, estaríamos certos de assim proceder. Mas a verdade não é essa, como se percebe pela declaração feita pelo sr. Ademar de Barros, publicada no Diário de São Paulo de hoje 8 de janeiro. Portanto, não precisamos reear nesse sentido...[xxxiii]

O desprezo que a Shindo Renmei apresentava em relação à ideologia de Marx e Engels estava ligado ao anticomunismo dos tempos da Segunda Guerra Mundial, intensificado com a Guerra Fria. Conforme o Exército Vermelho libertava as nações dominadas pelos nazistas na Europa Oriental (e alçava ao poder as lideranças vermelhas locais), o comunismo tornava-se um espantalho temido por corvos liberais e fascistas no

milharal da política internacional. O fim do conflito e a recusa de Stalin em desfazer o bloco comunista (denominado pejorativamente de “Cortina de Ferro” por Winston Churchill) aumentou esse temor. Já em dezembro de 1943, podia-se perceber o estranhamento dos japoneses em face ao avanço do comunismo. Nessa data, um membro da família real anotou em seu diário que um cavalheiro bêbado cantava uma curta música pelas ruas do Japão. A letra da canção dizia o seguinte: “Eles iniciaram uma guerra/Eles estavam prestes a perder/Dizendo nós venceremos, nós venceremos/Pobres coitados/Olhem, nós certamente seremos derrotados/A guerra está perdida/E a Europa tornou-se comunista/E a Ásia pode tornar-se comunista do dia para noite...” [xxxiv].

Obviamente o Brasil não estava alheio a tal processo. Vargas tornou-se ditador, em 1937, utilizando como álibi o “perigo comunista”. Nove anos depois, o general Eurico Gaspar Dutra, um ex-aliado do caudilho sulista, através de eleições diretas, tornou-se o novo chefe da nação. Em um contexto de Guerra Fria, Dutra organizou um governo liberal conservador e alinhou-se aos Estados Unidos. Mobilizando também uma retórica anticomunista, o presidente da República pôs o PCB na clandestinidade, cassou parlamentares pertencentes ao partido e rompeu relações diplomáticas com a União Soviética. Não resta dúvida de que os integrantes da Shindo Renmei foram influenciados por esse cenário. Daí adotarem uma postura contrária à doutrina marxista. Movidos pela fala anticomunista, alguns derrotistas notaram maliciosamente pontos de contato entre a Shindo Renmei e o PCB.

Em agosto de 1946, um funcionário do DOPS do Paraná, Oscar Borges de Macedo, enviou um documento ao chefe de polícia do Rio de Janeiro. O manuscrito revelou que Zengoro Iwakura, residente em Caviúna, no norte do Paraná, recebeu um “aviso de morte”, uma carta anônima depositada na Agência de Correio de Londrina. Segundo o documento, “durante a guerra”, Iwakura “ouvia pelo rádio os noticiários procedentes do Japão”, e assim “seus patrícios mantinham-se em contato consigo afim de saberem o que se passava no teatro de operações”. Com a derrota do Sol Nascente, o esclarecido “notificou seus patrícios da realidade dos fatos, a qual veio de encontro aos sentimentos patrióticos dos japoneses”. A partir de então, alguns deles passaram a persegui-lo. Mais a frente, o manuscrito indicava:

(...) o Senhor Iwakura tem uma desconfiança de que a Shindo Renmei ou outra organização idêntica tem uma longínqua finalidade, e que vem a ser uma futura fusão com o PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL[xxxv].

A associação da Shindo ao PCB por um derrotista deve ser compreendida à luz da lógica figuracional estabelecidos-outsiders. Na verdade, Iwakura lançava mão de um contra-estigma poderoso para época – comunista – com um duplo objetivo: primeiro, desqualificar ainda mais seus adversários perante as autoridades policiais; segundo, redefinir a etnicidade japonesa em termos nacionais/brasileiros.

Em conclusão, sublinho que, embora os integrantes da Shindo Renmei tenham assassinado 23 pessoas e ferido quase 150, nenhum deles foi expulso do país. Após aproximadamente dez anos de prisão, o presidente JK absolveu os culpados, pondo-os, em 1956, em liberdade. O reinado de terror promovido pela associação, um terror intra-étnico, marcou profundamente a comunidade japonesa e nikkei do Brasil. Quando comecei a pesquisar o tema, no final dos anos de 1990, a Shindo era uma espécie de tabu entre os membros de tal comunidade. Hoje, este sombrio episódio da imigração japonesa no país tornou-se mais conhecido (ainda que nenhum dos personagens do primeiro e enfadonho longa-metragem sobre a associação patriótica, Corações sujos, de Vicente Amorim, lançado em 2011, e inspirado no livro de Fernando Moraes, faça menção a Shindo Renmei).

Notas

[i] Doutor em história da ciência e da saúde pública pela Casa de Oswaldo Cruz (COC/FIOCRUZ)

[ii] Sobre a Shindo Renmei, cf. BAHIENSE DA SILVA, Carlos Leonardo. Em nome do imperador: reflexões sobre a Shindo Renmei e sua campanha pela preservação da etnicidade japonesa no Brasil (1937-1950). Rio de Janeiro: CPDA/UFRJ, 2006 (Dissertação de Mestrado).

[iii] ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. Os estabelecidos e os outsiders – sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

[iv] GUIBERNAU, Monserrat. Nacionalismos – o estado nacional e o nacionalismo no século XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

[v] DAVIS, Hadland. Mitos e lendas do Japão. São Paulo: Landy Editora, 2004.

[vi] NAKADATE, Jouji. O Japão venceu os Aliados na Segunda Guerra Mundial? – o movimento social da Shindo Renmei. São Paulo: PUC/SP, 1988, (Dissertação de Mestrado).

[vii] ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. Op. cit..

[viii] BEHR, Edward. Hiroíto – por trás da lenda. São Paulo: Globo, 1991.

[ix] Diretrizes, abril de 1946.

[x] Departamento de Ordem Política e Social.

[xi] AERJ, PP/SJ, pasta 3.

[xii] Idem.

[xiii] BOBBIO, Norbert. Direita e esquerda – razões e significados de uma distinção política. São Paulo: Editora UNESP, 1995.

[xiv] Idem.

[xv] Idem.

[xvi] Idem.

[xvii] Idem.

[xviii] Idem.

[xix] Idem.

[xx] NAKADATE, Jouji. Op. cit...

[xxi] Idem.

[xxii] Idem.

[xxiii] TEXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. “Os fascismos” in: Reis Filho, Daniel Aarão; Ferreira Jorge; Celeste Zenha (org.). O século XX – o tempo das crises (revoluções, fascismos e guerras). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

[xxiv] Idem.

[xxv] TODOROV, Tzvetan. Em face do extremo. São Paulo: Papirus Editora, 1995.

[xxvi] TEXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. “Revoluções conservadoras, terror e fundamentalismo – regressões do indivíduo na modernidade” in: Teixeira da Silva, Francisco Carlos (org.). O século sombrio – uma história geral do século XX. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

[xxvii] Idem.

[xxviii] NEUMANN, Franz. “Ansiedade e política” in: Marcuse, Herbert. Estado democrático e estado autoritário. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

[xxix] GAY, Peter. O cultivo do ódio – a experiência burguesa da rainha Vitória a Freud. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

[xxx] Adorno, Theodor. “Educação após Auschwitz” in: Cohn, Gabriel (org.) Theodor W. Adorno. São Paulo: Editora Ática, 1994.

[xxxi] TEXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. Op. cit., 2000.

[xxxii] MORAIS, Fernando. Corações Sujos – a história da Shindo Renmei São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

[xxxiii] NAKADATE, Jouji. Op. cit..

[xxxiv] GORDON, Andrew. A modern history of Japan – from Tokugawa times to the present. New York: Oxford University Press, 2003.

[xxxv] AERJ, PP/SJ, 3A.